

AS RELAÇÕES DE PODER E AUTORIDADE A PARTIR DE UMA LEITURA DE “A HORA DOS RUMINANTES”, DE JOSÉ J. VEIGA.

DOUGLAS ERALDO DOS SANTOS-AUTOR¹;
JOÃO LUIS PEREIRA OURIQUE - ORIENTADOR²;

¹*Universidade Federal de Pelotas - UFPEL – douglaseraldo@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas - UFPEL – jlourique@pq.cnpq.br*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende observar como a literatura busca compreender e refletir sobre as relações de poder e autoridade na sociedade humana, especialmente no que diz respeito às rupturas e às concessões e legitimidade do poder. Para tanto, partiremos de uma leitura da obra *A Hora dos Ruminantes*, de José J. Veiga as reflexões presentes neste trabalho. Publicada pela primeira vez no ano de 1966, período de convulsão social no Brasil logo após o golpe militar de 1964 a obra tem sido fruto de debates e análises dentro da Academia, atenção esta ainda muito recente e que via de regra estão relacionadas à questão de poder, política e autoritarismo. Nesse sentido segundo REIMÃO (1999) nesta época “a característica marcante do panorama cultural brasileiro foi o de uma paradoxal convivência de uma ditadura de direita com uma ampla presença de produções culturais de esquerda”. Sobre esse período entre 1964 e 1969 o jornalista Élio Gaspari denominaria de “ditadura envergonhada”. Temos portanto uma obra que é publicada nos primórdios de um dos regimes militares da história do Brasil, além, é claro, de não estar distante de outros conturbados momentos históricos do país como a Campanha da Legalidade em 1961, inconstância política aliás, que era algo comum ao período da República Nova, também antecedente à publicação. Com isso, é sintomático percebermos que as relações de poder e autoridade são um dos elementos prementes e estruturantes presentes na obra do escritor goiano cujo contexto que envolvia-o, no mínimo era propício a este debate.

2. METODOLOGIA

Então, a partir destas considerações iniciais o presente trabalho constrói-se com leitura da obra supra-citada, constituindo-se como corpus no qual encontram-se os elementos presentes nestas reflexões e observações. Todavia, nesta leitura estarão presentes reflexões que serão embasadas com as contribuições de diferentes pensadores e críticos que trataram das questões do poder e da autoridade. Deste modo é fundamental dizer que a abordagem aqui feita toma como base CANDIDO (2006):

Tomando o fator social, tentaremos determinar se ele fornece apenas matéria (ambiente, costumes, traços grupais, idéias), que serve de veículo para conduzir a corrente criadora (nos termos de Lukács, se possibilita a realização do valor estético); ou se, além disso, é elemento que atua na constituição do que há de essencial na obra como obra de arte (nos termos de Lukács, se é determinante do valor estético).

Em síntese isto significa que levaremos em conta como os fatores externos se internalizam à obra e como em *A Hora dos Ruminantes* tais relações de poder e autoridade se manifestam de acordo com a leitura interpretativa proposta. Por conseguinte será necessário então compreendermos algumas noções preliminares sobre o poder que segundo WEBER (2009) é “toda probabilidade de impor a própria vontade numa relação social, mesmo contra resistências, seja qual for o fundamento dessa probabilidade”, todavia essa é uma das tantas definições que buscam tratar da problemática do poder que conforme IBÁÑEZ apud CORRÉA (2012):

O fato de os pesquisadores das relações de poder seguirem, depois de tantos anos, dedicando parte importante de seus esforços para esclarecer e depurar o conteúdo da noção de poder, o fato de não haver um acordo minimamente generalizado sobre o significado desse termo.

Ou seja, respeitaremos o fato de que assim como a literatura, o poder também apresenta dificuldades quanto a sua definição e é ainda campo fértil de discussões e reflexões, inclusive daqueles que defendem que vivemos “o fim do poder” como NAIM (2013) “o poder está passando por uma transformação histórica”. Contudo, respeitando esta pluralidade de discussões levaremos em conta algumas noções que nortearão as relações de poder, como as definições de FOUCAULT (2005) “O poder é o poder concreto que cada indivíduo detém e que cederia, total ou parcialmente, para constituir um poder político, uma soberania política” que também lembra “o poder é essencialmente repressivo” e “o poder é em si próprio ativação e desdobramento de uma relação de força” serão fundamentais nesta observação da respectiva obra literária por meio do diálogo estabelecido entre tais teorias com a organização estruturante das relações de poder que vão sendo estabelecidas na obra de José J. Veiga. Nesse mesmo sentido tais relações serão ainda analisadas a partir do que nos fala IBÁÑEZ apud CORRÉA (2012) a respeito do poder:

Numa das suas acepções, provavelmente a mais geral e diacronicamente primeira, o termo “poder” funciona como equivalente da expressão “capacidade de”, isto é: como sinônimo do conjunto dos efeitos dos quais um agente dado, animado ou não, pode ser a causa direta ou indireta. É interessante que, desde o início, o poder se define em termos relacionais, na medida em que, para que um elemento possa produzir ou inibir um efeito, é necessário que se estabeleça uma interação. [...] Numa segunda acepção, o termo “poder” refere-se a um certo tipo de relação entre agentes sociais, e costuma-se agora caracterizá-lo como uma capacidade assimétrica ou desigual que os agentes possuem de causar efeitos sobre o outro pólo de uma dada relação. [...] Numa terceira acepção, o termo “poder” refere-se às estruturas macro-sociais e aos mecanismos macro-sociais de regulação ou de controle social. Fala-se, neste sentido, de “instrumentos” ou “dispositivos” de poder, de “centros” ou de “estruturas” de poder, etc.

Ademais, se propõe discutirmos na presente análise elementos referentes à autoridade, entretanto, nesse sentido levará-se em conta o questionamento de ARENDT (1992) “somos tentados e autorizados a levantar essa questão por ter a autoridade desaparecido do mundo moderno. Uma vez que não mais podemos recorrer a experiências autênticas e incontestes comuns a todos” onde a autora

questiona a presença da autoridade no *mundo moderno*. A despeito deste questionamento, levaremos em conta que a autoridade “através de toda a história do pensamento político, como modelo para uma grande variedade de formas autoritárias”, e ainda que aqui não tenhamos espaço para nos aprofundarmos nas concepções históricas acerca da autoridade, pretendemos seguir uma linha de raciocínio observando ARENDT (1992) “Se autoridade deve ser definida de alguma forma, deve sê-lo, então, tanto em contraposição à coerção pela força, como à persuasão pelos argumentos” onde a autora estabelece a *relação autoritária entre quem manda e o que obedece*, em que “direito e legitimidade ambos reconhecem e na qual ambos têm seu lugar estável pré-determinado”.

Enfim, pretende-se apresentar, refletir e dialogar aqui com alguns elementos metodológicos para a abordagem desta leitura específica que buscam embasar as discussões que virão a seguir.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

SANTIAGO (1982) comenta que a partir dos anos 70 entre os tipos de literatura que despontaram na literatura nacional estavam os “textos que se filiam ao realismo dito mágico e que, através de um discurso metafórico e de lógica onírica, pretendem, crítica e mascaradamente, dramatizar situações passíveis de censura”. Ainda que *A Hora dos Ruminantes* tenha sido publicado em 1966 não seria absurdo dizer que ele é um dos precursores desta tendência. O romance é ambientado numa pequena cidade de interior, Manarairema e que ao longo da narrativa vivenciará passagens que justificariam tal realismo mágico ou lógica onírica com a construção de cenas e acontecimentos surreais e impensáveis ao lugarejo e que de alguma forma propiciam um discurso metafórico que desvela as relações de poder e autoridade.

Tudo começa com a chegada dos misteriosos “estrangeiros” que montam acampamento na tapera da cidade. Como nos revela a obra ao final daquele dia da chegada dos homens estranhos “Manarairema foi dormir pensando nos vizinhos esquivos e fazendo planos para tratar com eles quando chegassem a ocasião”. Fazemos aqui uma pausa para dizer que não penetraremos neste trabalho específico nas possíveis alegorias ao regime militar presentes (ou não) no romance, entretanto, perceberemos que esta linha de raciocínio produz efeitos nas relações de poder e autoridade, entretanto, focaremos sobre como a cidade verga-se aos estranhos conferindo-lhes e transferindo a autoridade e o poder para os recém chegados.

Esta chegada é marcada pelo estranhamento inicial com o qual os moradores da cidade observam “os outros”, desde o princípio uma relação marcada pelas suspeitas e desconfianças. Sintomático também é que a primeira negação da autoridade local é o desdém com o qual “os estrangeiros tratam” o padre da cidade, uma figura geralmente dotada de autoridade a qual os “novos” habitantes desconfiam. A partir disso começa uma série de relações (ou tentativas) entre os locais e “os estrangeiros” em que nota-se rapidamente uma inversão da autoridade existente como podemos observar no trato “dos forasteiros” numa negociação com Geminiano “Um momento rapaz. Quando um burro fala, o outro baixa a orelha” demarcando pela força a imposição de uma hierarquia. Interessante também será observar os diferentes métodos de persuasão e coerção utilizadas pelos “forasteiros” de modo a paulatinamente centralizar a autoridade local. Neste sentido uma das questões centrais a serem observadas é a mudança do comerciante Amâncio Mendes que segundo NEPOMUCENO (2007) é “o melhor exemplo de

entrega do indivíduo aos apelos de uma ideologia totalitária”, que outrora valente e comprador de brigas é o primeiro a ir à Tapera cobrar dos homens uma posição para depois converter-se a ponto de passar a defender os estranhos “Compadre, eu vou lhe dizer uma coisa. Todo mundo estava comendo gambá errado [...] se todo mundo aqui fosse como eles, Manarairema seria um pedaço de céu, ou uma nação estrangeira”. Será no armazém de Amâncio, inclusive, uma espécie de quartel aliado dos “Homens da Tapera” onde até mesmo interrogatórios são feitos.

Se na primeira parte temos esta “chegada” de estranhos tensionando e obscurecendo as relações de poder e autoridade, quando chega “o dia dos cachorros” a situação está então tomada de sombras e opressão onde “fechadas em casa, abanando-se contra a fumaça, enervadas com os latidos, as pessoas tapavam os ouvidos, pensavam que não conseguiam compreender aquela inversão da ordem.”. De uma hora para outra os habitantes de Manarairema tiveram de compreender e lidar com uma nova relação estabelecida a partir da chegada dos “Homens da Tapera”. Tais relações aos poucos caminham para uma ruptura total que se dá na terceira parte e “o dia dos bois” quando “as pessoas mais ponderadas procuravam acalmar as outras explicando que, se o presente era negro, a longo prazo a libertação era certa: tantos bois juntos não tinham condições de ficar por ali por tempo dilatado” lhes aprisionando a uma ordem e a um poder que já neste ponto beira ao totalitário.

4. CONCLUSÕES

Enfim, neste trabalho apresentamos argumentos que nos permitem refletir quanto aos movimentos estabelecidos pelas relações de autoridade e poder presentes na respectiva obra em que através do estudo realizado podemos constatar diferentes formas e métodos com os quais os ‘estranhos’ acabam subjugando a população de Manarairema invertendo a ordem e a hierarquia de autoridade anteriormente pré-estabelecida do lugar. Tais relações, obviamente são construídas a partir dum contexto social ao qual a obra esta inserida e que de forma alguma poderia ser desconsiderada nas reflexões e estudos sobre o romance. Do mesmo modo, percebemos nesta obra como o poder e a autoridade após a *inversão da ordem* pré-existente percorre os caminhos do autoritarismo e do totalitarismo numa crescente de imposição e violência que culmina numa inimaginável invasão de bois à cidade. Neste momento já não há mais oposição aos “estrangeiros” e é o medo que sustenta o poder. Todavia por ser aqui um espaço limitado para estas discussões e reflexões, é importante dizermos que esta é uma discussão inicial em que buscamos propor algumas reflexões e análises acerca do trabalho de José J. Veiga dentre outras que são possíveis e necessárias.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDT, H. **Entre O Passado e o futuro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.
- CÂNDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
- CORRÊA, F. **Poder e participação**: in _____ Revista Pural: São Paulo, 2012;
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2005.
- NAIM, M. **O Fim do Poder**. São Paulo: Leya, 2013.
- NEPOMUCENO, L. A. **De Cachorros, Homens e Bois: Poder e Violência em José J. Veiga**: in _____ Revista Trama, 2007.
- REIMÃO, S. **Fases do ciclo militar e censura a livros – Brasil, 1964-1978**: acessado em 25 de novembro de 2015, disponível em: http://www.usp.br/proin/download/artigo/artigo_fases_ciclo_militar.pdf
- SANTIAGO, S. Vale Quanto Pesa. In: **Repressão e censura no campo das artes na década de 70**; Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 1982.
- VEIGA, J. J. **A Hora dos Ruminantes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- WEBER, M. **Economia e sociedade**. Brasília: UNB, 2009. v. I e II.